

A Juventude Revolução é uma organização de jovens contra a exploração, a opressão e a guerra e na luta pelo socialismo no Brasil e no mundo. Surgimos da necessidade que todos os jovens tem de lutar pelos seus direitos. Somos a seção brasileira da Internacional Revolucionária da Juventude (IRJ) organização que reúne jovens de mais de 25 países.

Lutamos pelo direito da juventude ter um futuro de verdade sem guerras, drogas e violência. Queremos educação, trabalho diversão e arte! Por isso rejeitamos o capitalismo, sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção, que explora e oprime os trabalhadores e a juventude.

Realizamos nosso 9º Encontro Nacional da JR - Anderson Luis em julho de 2006 onde definimos os objetivos da JR:

- a) *Lutar pela união da juventude jovens na luta por suas reivindicações;*
- b) *Lutar contra as guerras e a exploração;*
- c) *Lutar contra as drogas e o narcotráfico;*
- d) *Combater pela independência das entidades estudantis;*
- e) *Defender a educação publica e lutar pelo acesso a diversão e arte;*
- f) *Lutar pelo fim da propriedade privada dos meios de produção.*

Conheça a Juventude Revolução!

Organize um núcleo da Juventude Revolução!

Juventude
REVOLUÇÃO



SEÇÃO BRASILEIRA DA
INTERNACIONAL
REVOLUCIONÁRIA DA
JUVENTUDE

WWW.JR-IRJ.ORG • CONTATO @ JR-IRJ.ORG

SEÇÃO BRASILEIRA DA
INTERNACIONAL
REVOLUCIONÁRIA DA
JUVENTUDE



Juventude
REVOLUÇÃO

A MALDIÇÃO BRANCA

EDUARDO GALEANO



PREÇO: R\$1,00 • SOLIDÁRIO: R\$2,00

COLEÇÃO CADERNOS DA JUVENTUDE REVOLUÇÃO

1ª Edição: Abril de 2004
2ª Edição: Setembro de 2006

A MALDIÇÃO BRANCA

Eduardo Galeano

Título Original: La maldición blanca
Revisão: Keylla Valença
Ilustração de capa: Eric Drooker (www.drooker.com)

JUVENTUDE REVOLUÇÃO

SEÇÃO BRASILEIRA DA INTERNACIONAL REVOLUCIONÁRIA DA JUVENTUDE (IRJ)

ENTRE EM CONTATO:

contato@jr-irj.org • www.jr-irj.org

© Copyleft – É permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que mantida os créditos e esta nota.

Temos o triste antecedente da participação de tropas brasileiras com as norte-americanas no golpe que tirou do poder o presidente legitimamente eleito da República Dominicana, Juan Bosch, e instalou um novo governo ditatorial. Mas aquilo foi possível em 1965, quando havia no Brasil uma ditadura militar.

Hoje um governo democrático não pode cometer o mesmo erro.

- QUE O POVO DO HAITI DECIDA SOBRE O SEU PRÓPRIO FUTURO!
- NÃO AO ENVIO DE TROPAS BRASILEIRAS AO HAITI!

São Paulo, 21 de Março de 2004

PRIMEIROS ASSINANTES:

Emir Sader, professor; Markus Sokol, Diretório Nacional do PT; Plínio de Arruda Sampaio, advogado; Fernando Moraes, escritor; Eduardo Galeano, escritor; Valter Pomar, 3o vice-presidente do PT; Cristovam Buarque, senador, PT-DF; Luiz E. Greenhalgh, deputado federal, PT-SP; Chico Alencar, deputado federal, PT-RJ; Ivan Valente, deputado federal, PT-SP; Dra. Clair, deputada federal, PT-PR; Iara Bernardi, deputada federal, PT-SP; Nazareno Fonteles, deputado federal, PT-PI; Maninha, deputada federal, PT-DF; João Alfredo, deputado federal, PT-CE; Orlando Fantazzini, deputado federal, PT-SP; Selma Schons, deputada federal, PT-PR; Paulo Rubem Santiago, deputado federal, PT-PE; Mauro Passos, deputado federal, PT-SC; Luci Choinaski, deputada federal, PT-SC; Luciano Zica, deputado federal, PT-SP; Chico Simões, deputado estadual, líder PT AL-MG; João P. Stédile, direção do MST e Via Campesina; Luis Bassegio, Grito dos Excluídos Continental; Jorge L. Martins, Executiva Nacional CUT; Julio Turra, Executiva Nacional CUT; Lujan M. B. de Miranda, Executiva Nacional CUT; Francisvaldo Mendes, Executiva Nacional CUT; Bernerdete Menezes, Executiva Nacional CUT; Maringoni, cartunista; João Machado, economista; José Arbex, jornalista; Roberto Romano, professor; Francisco Foot Hardman, professor; Roberto Leher, professor; Ivana Jinkings, editora; Jorge Buchabki, advogado trabalhista; Flávia Pereira, vereadora, PT-SP; Randolfe Rodrigues, deputado estadual, PT-AP; Afrânio Bopré, deputado estadual, PT-SC; Edmilson Rodrigues, prefeito de Belém (PA); Carlos Giannazi, vereador, PT-SP; Laércio Barbosa, Diretório Nacional PT; Marlene da Rocha, Executiva Nacional PT; Serge Goulart, suplente Diretório Nacional PT; Ana Esther Ceceña, professora; Misa Boito, Executiva Estadual do PT-SP; Nelson Breanza, Diretório Zonal PT Saúde-SP; Maria Madalena Nunes, Fenajufe, CUT Piauí; Ricardo Gebrin, presidente do Sind. Advogados SP; Nilton de Martins, coordenador Sind. Radialistas SP; Gesab Corrêa, CNTE; Humberto F. Suini Deport, advogado; Antonio do Amaral Rocha, editor; Lincoln Secco, professor; Plínio de Arruda Sampaio Jr., professor; Francisco Alambert - professor; Vladimir D. Micheletti, economista; Luiz Pilla Vares, jornalista; Paulo Torelli, advogado; Rui Ricardo Luz, presidente do PT, Florianópolis; Conselho Geral da APP-Sind., Londrina 26.03.04; Assembléia Geral Sind. dos Radialistas, SP 19.03.04; Diretório Zonal Plano Piloto PT-DF, 01.04.04

Contatos e adesões ao manifesto:

msokol@uol.com.br ou **emir@lpp-uerj.net**

QUE O POVO DO HAITI DECIDA SOBRE O SEU PRÓPRIO FUTURO

Ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Luis Inácio Lula da Silva,

Dirigimo-nos a sua excelência para solicitar que não sejam enviadas tropas brasileiras para participar de uma suposta “força de paz” no Haiti, como foi noticiado.

As tropas norte-americanas, canadenses, francesas e chilenas que lá se encontram, são tropas de ocupação que designaram um governo títere, violando a soberania nacional do Haiti. Já houve haitianos mortos por soldados norte-americanos, ao mesmo tempo que as autoridades provisórias atuais já afirmam que não haverá eleições antes de dois anos. Fica claro, assim, o caráter de ocupação que a presença das tropas estrangeiras têm, quando a solução democrática da crise tem que ser dada pelos próprios haitianos.

Por outro lado, essa intervenção agride a soberania de todas as nações do continente, reforçando o intento do governo Bush impor uma hegemonia sem limites, integrando uma escalada que é preciso por fim.

Ela também se choca com a defesa da soberania e a resolução democrática dos conflitos internacionais, afirmada pela política externa brasileira.

Os que assinamos este texto, somos partidários do direito à auto-determinação, defensores da paz e da fraternidade entre os povos, como a grande maioria do povo brasileiro que, em 2002, o elegeu.

Não podemos aceitar, senhor presidente - quaisquer que sejam as pressões das grandes potências - que tropas brasileiras participem dessa ocupação.

APRESENTAÇÃO

No momento em que essas linhas são escritas tropas dos Fuzileiros Navais estadunidenses e da Legião Estrangeira francesa se encontram em território haitiano impondo sob a sola de seus coturnos os ditames do imperialismo.

Há 200 anos aconteceu a revolução de independência do Haiti liderada por Toussaint L’Ouverture, fruto da luta do povo negro do Haiti contra a escravidão colonial somado aos ventos da revolução francesa de 1789 que declarava a igualdade entre os homens e traçava o caminho para o enterro do velho regime feudal. A independência do Haiti foi uma revolução negra que pela primeira vez deu fim ao regime escravista nas colônias das Américas.

Dois séculos depois o que vemos?

Vemos o povo do Haiti tendo seu futuro seqüestrado. O governo Bush com a ajuda do governo francês presidido por Chirac se apoiando no caos criado por grupos paramilitares ligados ao tráfico de drogas e a tortura das antigas ditaduras haitianas para derrubar o presidente Aristides e colocar no seu lugar um governo fantoche. Aristides era até bem pouco tempo o fiel aplicador dos planos de ajuste estrutural produzidos pelo Fundo Monetário Internacional e por Washington e que levaram a nação haitiana a desagregação. Hoje mais de 70% da população do Haiti está desempregada e os serviços públicos estão completamente desmantelados. A realidade do Haiti hoje mostra aonde levará os planos americanos para Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

Toda essa operação é mais um passo contra os povos da Américas. É a versão continental da mesma política destinada ao Iraque onde enxergamos os resultados da guerra de Bush: destruição, morte e desagregação. Por outro lado povo iraquiano resiste e luta para

reconstruir seus sindicatos e organizar a luta contra a ocupação.

E é por essa razão que nós da Juventude Revolução lutamos contra a invasão do Haiti e somos parte da luta contra a participação de tropas brasileiras nesse absurdo. É preciso defender o direito do povo haitiano decidir por suas próprias mãos o seu futuro. E é por essa razão lançamos o abaixo-assinado dirigido ao presidente Lula onde dizemos: *“Brasil não pode ser integrado a essa absurda intervenção, contra a soberania de uma nação, que ameaça a soberania de todo o continente. Queremos paz! Defendemos o direito dos povos se autodeterminarem. Que o povo do Haiti decida o seu próprio futuro. Fora todas as tropas de ocupação do Haiti! Nenhum soldado brasileiro no Haiti!”*. Não é possível aceitar que o Brasil seja integrado como cúmplice nessa operação. Não foi para atacar a soberania dos povos de outras nações que 53 milhões votaram no candidato do PT, não foi para isso que o governo Lula foi eleito. Um governo do PT deve defender a retirada de todas as tropas do Haiti e organizar a efetiva solidariedade com o povo haitiano.

Por isso a Juventude Revolução chama a todos a lutarem contra a ocupação do Haiti, pelo não envio de tropas brasileiras e pela autodeterminação do povo haitiano.

Sobre o autor

O escritor, jornalista e cronista esportivo uruguaio Eduardo Galeano nasceu em 1940 em Montevideu é autor de vários livros entre eles o famoso “Veias Abertas da América Latina” publicado no Brasil editora Paz e Terra.

• • •

Ao final deste caderno publicamos também o manifesto “Que o povo do Haiti decida sobre o seu próprio futuro” assinado por dezenas de intelectuais, militantes e parlamentares do PT e da CUT e personalidades democráticas contra a participação brasileira nessa invasão.

Alexandre Linares

Abril de 2004

cional. Os camponeses cultivadores de arroz, que eram a maioria, se converteram em mendigos ou em fugitivos em balsas. Muitos foram e continuam indo parar nas profundezas do mar Caribe, mas esses naufragos não são cubanos e raras vezes aparecem nos jornais.

Agora o Haiti importa todo o arroz dos Estados Unidos, onde os especialistas internacionais, que são gente bastante distraída, se esqueceram de proibir as tarifas de importação e os subsídios que protegem a produção nacional.

• • •

Na fronteira onde termina a República Dominicana e começa o Haiti, há um grande cartaz que adverte: O passo mal dado.

Do outro lado, está o inferno negro. Sangue e fome, miséria, pestes.

Nesse inferno tão temido, todos são escultores. Os haitianos têm o costume de recolher latas e ferros velhos e com antiga maestria, recortando e martelando, suas mãos criam maravilhas que são oferecidas nos mercados populares.

O Haiti é um país jogado na lata de lixo, pelo eterno castigo de sua dignidade. Ali jaz, como se fosse sucata. Espera as mãos de sua gente.

anos. A primeira coisa que fizeram foi ocupar a alfândega e o escritório de arrecadação de impostos. O exército de ocupação reteve o salário do presidente haitiano até que se resignou a assinar a liquidação do Banco da Nação, que se converteu em sucursal do City Bank de Nova York. O presidente e todos os demais negros tinham a entrada proibida nos hotéis, restaurantes e clubes exclusivos do poder estrangeiro. Os ocupantes não se atreveram a restabelecer a escravidão, mas impuseram o trabalho forçado para as obras públicas. E mataram muito. Não foi fácil apagar os fogos da resistência. O chefe guerrilheiro, Charlemagne Peralte, pregado em cruz em uma porta, foi exibido, para escarmento, em praça pública.

A missão civilizadora concluiu em 1934. Os ocupantes se retiraram deixando no seu lugar uma Guarda Nacional, fabricada por eles, para exterminar qualquer possível ensaio de democracia. Fizeram o mesmo na Nicarágua e na República Dominicana. Algum tempo depois, Duvalier foi o equivalente haitiano de Somoza e de Trujillo.

• • •

E assim, de ditadura em ditadura, de promessa de traição, se foram somando as desventuras e os anos.

Aristide, o padre rebelde, chegou à presidência em 1991. Durou poucos meses. O governo dos Estados Unidos ajudou a derrubá-lo, levou-o, submeteu-o a tratamento e uma vez reciclado o devolveu, ns braços dos marines, à presidência. E outra vez ajudou a derrubá-lo, neste ano de 2004, e outra vez houve matança. E outra vez voltaram os marines, que sempre regressam, como a gripe.

Mas os especialistas internacionais são muito mais devastadores. País submisso às ordens do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, o Haiti havia obedecido a suas instruções sem reclamar. Pagaram-lhe negando-lhe o pão e o sal. Congelaram os créditos, apesar de que havia desmantelado o Estado e havia liquidado todas as tarifas de importação e os subsídios que protegiam a produção na-

A MALDIÇÃO BRANCA

No primeiro dia deste ano, a liberdade completou dois séculos de vida no mundo. Ninguém se inteirou, ou quase ninguém. Poucos dias depois, o país do aniversário, o Haiti, passou a ocupar algum espaço nos meios de comunicação; mas não pelo aniversário da liberdade universal, mas porque se desatou ali um banho de sangue que acabou derrubando o presidente Aristide.

O Haiti foi o primeiro país em que se aboliu a escravidão. No entanto, as enciclopédias mais difundidas e quase todos os textos de educação atribuem à Inglaterra essa histórica honra. É verdade que um belo dia mudou de opinião o império que havia sido campeão mundial do tráfico negreiro; mas a abolição britânica aconteceu em 1807, três anos depois da revolução haitiana, e aconteceu tão pouco convincente que em 1832 a Inglaterra teve que voltar a proibir a escravidão.

Nada teve de novo essa forma de maltratar o Haiti. Há dois séculos, ele sofre desprezo e castigo. Thomas Jefferson, prócer da liberdade e proprietário de escravos, advertia que do Haiti provinha

o mal exemplo; e dizia que havia que “confinar a peste nessa ilha”. Seu país o escutou. Os Estados Unidos demoraram sessenta anos em outorgar reconhecimento diplomático a mais livre das nações. Enquanto isso, no Brasil, se chamava haitianismo à desordem e à violência. Os donos dos braços negros se salvaram do haitianismo em 1888. Nesse ano o Brasil aboliu a escravidão. Foi o último país no mundo.

• • •

O Haiti se tornou um país invisível, até a próxima carnificina. Enquanto esteve nas telas ou nas páginas, no começo deste ano, a mídia transmitiu confusão e violência e confirmaram que os haitianos nasceram para fazer bem o mal e para fazer mal o bem. Da revolução para cá, o Haiti só foi capaz de oferecer tragédias. Era uma colônia prospera e feliz e agora é a nação mais pobre do hemisfério ocidental. As revoluções, concluíram alguns especialistas, levam ao abismo. E alguns disseram, e outros sugeriram, que a tendência haitiana ao fratricídio provem da selvagem herança que vem da África. O mandato dos ancestrais. A maldição negra, que empurra para o crime e para o caos.

Da maldição branca, não se falou.

• • •

A revolução francesa havia eliminado a escravidão, mas Napoleão a havia ressuscitado.

- Qual foi o regime mais próspero para as colônias?
- O anterior.
- Pois que se restabeleça.

E, para re-implantar a escravidão no Haiti, enviou mais de cinquenta navios cheios de soldados. Os negros sublevados venceram a França e conquistaram a independência nacional e a libertação dos escravos. Em 1804, herdaram uma terra arrasada pelas devastadoras

plantações de cana de açúcar e um país queimado pela guerra feroz. E herdaram “a dívida francesa”, a França cobrou a humilhação infringida a Napoleão Bonaparte. Logo depois de nascer, o Haiti teve que se comprometer a pagar uma indenização gigantesca, pelo dano que havia feito libertando-se. Esta expiação do pecado da liberdade lhe custou 150 milhões de francos ouro. O novo país nasceu estrangulado pior essa corda amarrada no pescoço: uma fortuna que atualmente equivaleria a 21.700 milhões de dólares ou a 44 orçamentos totais do Haiti de nossos dias. Muito mais de um século levou o pagamento da dívida, que os juros de usura iam multiplicando. Em 1938 cumpriu-se, finalmente, a redenção final. Nesse momento, o Haiti já pertencia aos bancos dos Estados Unidos.

• • •

Em troca dessa dinheirama, a França reconheceu oficialmente a nova nação. Nenhum outro país reconheceu. O Haiti havia nascido condenado à solidão.

Tampouco Simon Bolívar reconheceu, mesmo se devia tudo ao Haiti. Navios, armas e soldados lhe haviam sido dados aos Haiti em 1816, quando Bolívar chegou à ilha, derrotado, e pediu amparo e ajuda. O Haiti lhe deu tudo, com a única condição de que libertasse aos escravos, uma idéia que até então não lhe havia ocorrido. Depois, o prócer triunfou em sua guerra de independência e expressou sua gratidão enviando a Port-au-Prince uma espada de presente. De reconhecimento, nem falar.

Na realidade, as colônias espanholas que haviam passado a ser países independentes continuavam tendo escravos, ainda que algumas tivessem, além disso, leis que o proibiam. Bolívar ditou a sua em 1821, mas a realidade não se deu por inteirada. Trinta anos depois, em 1851, a Colômbia aboliu a escravidão e a Venezuela em 1854.

• • •

Em 1915, os marines desembarcaram no Haiti. Ficaram dezenove